

A GUERRA DA TERRA

LUIZ MAKLOUF CARVALHO

Quando assumir a Presidência da República, no próximo dia 1º de janeiro, Fernando Henrique Cardoso terá pela frente a constatação de que o Rio de Janeiro não é o único pedaço de um Brasil fora da lei, fora da ordem e fora da modernidade. Há pelo menos mais um: o sul do Pará.

Em que pese o avanço produtivo, o crescimento de suas 32 cidades e a presença majoritária de cidadãos honestos, essa região continua marcada pelo símbolo maior da ausência do Estado — a violência impune e indiscriminada em torno da luta pela terra e/ou pela madeira da floresta. Violência que desde 1980 já fez tombar 190 trabalhadores e que fez tombar, também, proprietários de terra e seus empregados, policiais e pistoleiros, os últimos em menor número.

A violência na região vai chegar à mesa do futuro presidente em sua forma mais vil — a do trabalho escravo —, levada pelo eleitor e cantor Gilberto Gil, em forma de um dossiê preparado pela Comissão Pastoral da Terra. "Não creio que o presidente Fernando Henrique Cardoso, um homem sério, possa aceitar a realidade do trabalho escravo", diz o padre Ricardo



DOSSIÊ SOBRE VIOLÊNCIA SERÁ ENTREGUE A FUTURO PRESIDENTE

Rezende, vigário de Rio Maria, e eleitor de Lula. Foi Rezende que entregou o dossiê a Gilberto Gil e que volta a ser citado como integrante de uma lista de marcados para morrer. Desta vez como está registrado na Procuradoria-Geral da República e em inquérito da polícia parense — o anúncio da morte foi feito pelo pistoleiro Getúlio Batista da Silva, ex-empregado do alegado contratante, o fazendeiro e comprador de terras José Luiz de Freitas, do Sindicato Rural de Xinguara.

A mesma poeirenta e malculada Xinguara ultimamente às voltas com crimes em série, praticados por quadrilhas misteriosas que a polícia não consegue capturar. Polícia que, no dizer do próprio juiz local, João Batista do Nascimento, 28 anos, conseguia ser mais

eficiente com cinco soldados do que com os atuais 245. A mesma polícia que não tinha a menor idéia sobre os seis homens que emboscaram o fazendeiro Eurêlio Piazza na manhã de 14 de outubro — ou sobre os homens que mataram 27 pessoas (19 do "lado rico" e 8 do "lado pobre") nos últimos meses.

O coronel Azevedo, que comanda a polícia de Xinguara, afirma que esses matadores constituem um grupo bem treinado de guerrilha, apoiado pelo padre Ricardo Rezende e pelo advogado e frei Henri de Rosiers, de nobre família francesa, galardoado como um militante da paz por ninguém menos que o presidente François Mitterrand. Os padres negam as acusações. Xinguara não está só — como saberá o próximo presidente ao ser informado, pela Secretaria de Assuntos

Estratégicos, que Marabá, a 250 quilômetros, tem dois problemas explosivos: uma invasão que se arrasta há nove meses, sustentada por 400 homens armados, e uma outra, que se arrasta há quatro meses, no acampamento em que foi transformada a sede do Inca. A violência está presente nos dois casos — com mortes no primeiro —, da mesma forma que esteve presente no até agora último assassinato de um trabalhador rural, Antônio Teles Saraiva, no dia 2 de outubro.

O presidente saberá que há fazendas invadidas, fazendeiros agenciando assassinatos, invasores praticando crimes, madeiras incentivando a retirada clandestina do mogno, religiosos ameaçados de morte, suspeitas sobre uma "nova guerrilha", empresas que não têm confiança para ampliar investimentos, muita corrupção, e ao final, mas não menos importante, uma grande inquietação da gente séria que quer trabalhar e ser feliz.

O Estado percorreu por dez dias esse Brasil fora da nova ordem mundial, como diria o Caetano Veloso citado pelo presidente na primeira entrevista pós-eleição. A série que começa a ser publicada hoje vai mostrar o tamanho do desafio.

Posseiros armados resistem há nove meses em invasão de fazenda no Pará

Em Marabá, sul do Estado, cerca de 400 pessoas armadas, que se dizem sem-terra, ocupam área da Cosipar e garantem que não saem, para a empresa, eles são 'invasores' e 'bandidos'

Um pedaço da selva amazônica, a 102 quilômetros de Marabá (PA), está abrigando, há pelo menos nove meses, um grupo armado auto-estimado em 400 homens e mulheres. Eles — que se dizem posseiros sem-terra — invadiram a área de reserva florestal da Fazenda São José, propriedade da Companhia Siderúrgica do Pará (Cosipar), controlada pela holding Costa Monteiro Participação. O presidente da Cosipar, Luiz Carlos Monteiro, refere-se ao grupo com as pala-

vilha — esbarrou na arma, que estava carregada — uma semana depois da entrevista. A informação foi passada por telefone por Dezezeis. "Nós andamos 30 quilômetros com ele na rede, para entrá-lo em São Geraldo", disse. Cariri chamava-se Orestino Santos Lopes. "Agora que ele morreu eu posso dar o nome."

Ele, Pai da Munha e Pai da Mata foram os que fizeram mais. Disse Ram que a área invadida tem 400 homens e mulheres — "daí pra mais". Foram unânimes em afirmar que não saem da área de forma alguma — e que cada um dos 400 carrega uma cartucheira. "Ou é a terra ou é a vida", disse Pai da Munha. "É melhor morrer com uma bala na barriga do

Costa, que há meses vem trabalhando em uma fazenda vizinha à área invadida, e por isso conhece alguns deles. Oliveira mandou o carro da reportagem parar a 100 metros da clareira. Caminhou até lá, entrou

na mata, conversou com os sete. Depois de 45 minutos, deu um grito autorizando a aproximação. Os sete estavam sentados em cima de um tronco — tensão à flor da pele, todos armados com espingarda de um cartucho, calibre variando entre 12 e 38. Eles se recusaram a dar os nomes e a serem fotografados de frente. Deram apenas os apelidos: Dezezeis, Cariri, Pai da Munha, Pai da Mata, Cunhado, Diga e Canela, idade variando entre 26 e 52 anos. Todos com aparência paupérrima e sofrida de quem vive na mata. Cariri morreu com um tiro acidental na vi-

que morrer de fome", afirmou Pai da Mata. Dos sete, três são analfabetos e quatro estudaram alguns anos de curso primário. Todos são casados e têm filhos — 19 no total. Dezezeis — aparentemente preocupado com uma solução — fez um discurso dirigido ao presidente eleito Fernando Henrique Cardoso (veja box). "Andamos armados pra nos defender da pistola. Os sete acusaram soldados da polícia e pistoleiros da Cosipar de torturar um companheiro, de nome Luís. Segundo eles, Luís foi obrigado a mandar nos peitos de uma burra — o que acirrou os ânimos. A empresa nega que tenha pistoleiros (veja ao lado). Passada primeira meia hora de desconfiança os sete leram o Estado para conhecer uma das roças, próxima à clareira. As demais, se-



Cunhado, Dezezeis, Canela, Diga, Cariri, Pai da Mata e Pai da Munha, que ocupam área da Fazenda São José: a terra ou a vida



Reprodução



Representantes do grupo se dizem dispostos a morrer

Invasores temem que o governo use a Polícia Militar para retirá-los da região

Trechos da entrevista com integrantes do grupo, mantida a transcrição literal.

Estado — Vocês estão aqui há quanto tempo? Dezezeis — Há nove meses.

Estado — Como foi essa ocupação? Dezezeis — Aqui veio gente de várias partes, que eu não sei nem gravar.

Estado — Quantas pessoas estão aí dentro? Dezezeis — Ninguém sabe a quantidade certa, porque tem gente que eu nem conheço. A gente fica numa parte e os outros em outra parte.

Estado — Quantas crianças estão dentro da mata? Dezezeis — Nenhuma. Vive tudo na cidade, nos domínios.

Estado — O movimento tem nome? Pai da Munha — É movimento dos sem-terra. Fomos tocados pela inflação. Nós trabalhava na agricultura e no fim inda não podia colher o arroz, por que o fazendeiro tocava a bicharada dentro e comia o arroz da gente todinho.

Estado — Qual é o seu objetivo? Pai da Munha — É terra. Trabalhar e criar minha família.

Estado — Por que vocês escolheram essa área? Pai da Munha — Porque é uma área muito boa de produção.

Estado — A Cosipar afirma que vocês não querem a terra — querem apenas a madeira. Pai da Munha — É mentira, porque a madeira já foi tirada.

Estado — Que riscos vocês correm? Pai da Munha — Do governo liberar a Polícia Militar para vir contra nós. Mesmo assim nós morre e não perde o arrego da terra.

Estado — Qual é a disposição de vocês? Pai da Munha — A terra ou a vida. Da terra nós não abremos.

Estado — Que avanço vocês usam? Pai da Munha — Nós usa espingarda mesmo. Cartucheira.

Estado — Quantas armas vocês têm? Pai da Mata — Só espingarda cartucheira.

Estado — E como vocês fazem para trazer mantimentos? Pai da Munha — Nós escapa mais na carne de capra, aqui mesmo, guariba, macaco, veados. O mantimento que nós traz é quando sai lá fora cada um traz um saco de farinha. O mais é os vizinhos que ajudam a gente.

Estado — Tem gente dizendo que isso aqui é um acampamento de guerrilha. Pai da Munha — Não tá certo.

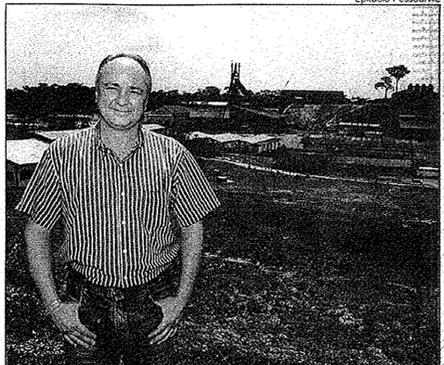
Estado — E que nome vocês dão? Pai da Munha — Movimento dos sem-terra.

Estado — Mas é o Movimento dos Sem-Terra organizado nacionalmente? Pai da Munha — Não. Nós tamo lutando de outro jeito. Porque nós já fizemo apelo pro governo, já deixamos carta e até agora não temos resposta.

Estado — Tem gente que ajuda vocês? Dezezeis — Tem gente que ajuda nós.

Estado — Tem gente que ajuda vocês? Dezezeis — Tem gente que ajuda nós.

Estado — Tem gente que ajuda vocês? Dezezeis — Tem gente que ajuda nós.



Monteiro: "Será uma resistência branca, até serem obrigados a sair"

Empresa diz que usa tática de "resistência chinesa"

Companhia informa que não pretende utilizar a força para retirar os invasores

"Resistência chinesa". É esse o nome que a Companhia Siderúrgica do Pará (Cosipar) está dando à sua tática de luta para retirar os invasores da Fa-

região do Alto Bonito — teve um filho baleado. O Estado não conseguiu localizar os dois. "A situação não deixa de ser tensa para todos", disse o médico. Segundo ele o grupo de invasores "é uma mistura de muitas coisas, com gente de todo tipo". Até aqui Nicomedes não observou nada que possa caracterizar a atividade do grupo como política. O "gato" Oliveira disse que nunca foi incomodado. "O máximo que eles fazem é pedir um pouco de comida", afirmou. "Dob, que eu já tenho visto, são todos pobres, que dizem querer a terra para trabalhar".



Ulhões Luz: tira na cabeça

"Eles já mataram um funcionário"

A área invadida fica na divisa entre as fazendas São José e Jatobá, e faz parte da reserva florestal exigida pela lei. "Eles não são posseiros", diz Luiz Carlos Monteiro. "São invasores interessados em retirar madeira, bandidos e assassinos que já mataram um funcionário meu". Segundo o empresário, a Cosipar está de posse de um mandato judicial de reintegração (que determina a retirada dos invasores) desde janeiro. Houve uma tentativa de cumpri-lo, mas os policiais tiveram problemas. "Eles feriram o cabo Adão, da Polícia Militar", diz Monteiro. "Eu posso tentar uma outra retirada, com força policial, mas não quero o confronto, que é do interesse deles."

O empresário diz que a Cosipar está tentando "uma forma nova" de resolver o conflito — que sirva de exemplo à região. "Não queremos violência; a tática é cercar a área invadida até eles ficarem ilhados e entenderam que o melhor é sair."

milhões de um total de US\$ 32 milhões (US\$ 20 dos quais em incentivos fiscais).

'Dezezeis' fala ao presidente eleito

Dezezeis fala ao presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso:

"Caro presidente Fernando Henrique Cardoso: Eu peço, em nome de todos esses produtores do município de Marabá, São Geraldo e São Domingos do Araguaia, pra você ter compaixão em seu trabalho dessas pessoas carentes que vivem sofrendo, passando amargura, doença, em risco de morte e pistolário do grande tubarão aqui do Estado do Pará. Pra você ter compaixão de cuidar dessas pessoas carentes, que vive sofrendo, à noite, ao dia, passando fome."

Estou a 75 quilômetros do município de Marabá, na floresta, sofrendo. Somos 400 famílias passando privação, lutando por um pedaço de terra, sem achar o apoio de ninguém. Peço ao sr., por aqueles milhares de brasileiros que colocou você nessas alturas, manda suas bênçãos, pra nos ajudar. Peço que o seu trabalho seja um trabalho livre, sem corrupção, pra não acontecer que nem o ex-presidente Fernando Collor, que aquilo foi uma vergonha para ele e para nós que deu o voto de confiança naquela época atual.

Presidente Fernando Henrique: Aqui no município de Marabá nós corre risco de morrer matado por pistoleiro, bandido, duma firma por nome Cosipar, siderúrgica. Então nós andamos armados, com medo de qualquer hora um combate deles com nós, vir nos matar, à noite, ou ao dia. Então nós usa arma pra se defender. Se não tomar uma providência rapidamente eu não sei nem o que é que vai acontecer com nós logo mais.

Estado — Qual é o seu objetivo? Pai da Munha — É terra. Trabalhar e criar minha família.

Estado — Por que vocês escolheram essa área? Pai da Munha — Porque é uma área muito boa de produção.

Estado — A Cosipar afirma que vocês não querem a terra — querem apenas a madeira. Pai da Munha — É mentira, porque a madeira já foi tirada.

Estado — Que riscos vocês correm? Pai da Munha — Do governo liberar a Polícia Militar para vir contra nós. Mesmo assim nós morre e não perde o arrego da terra.

Estado — Qual é a disposição de vocês? Pai da Munha — A terra ou a vida. Da terra nós não abremos.

Estado — Que avanço vocês usam? Pai da Munha — Nós usa espingarda mesmo. Cartucheira.

Estado — Quantas armas vocês têm? Pai da Mata — Só espingarda cartucheira.

Estado — E como vocês fazem para trazer mantimentos? Pai da Munha — Nós escapa mais na carne de capra, aqui mesmo, guariba, macaco, veados. O mantimento que nós traz é quando sai lá fora cada um traz um saco de farinha. O mais é os vizinhos que ajudam a gente.

Estado — Tem gente dizendo que isso aqui é um acampamento de guerrilha. Pai da Munha — Não tá certo.

Estado — E que nome vocês dão? Pai da Munha — Movimento dos sem-terra.

Estado — Mas é o Movimento dos Sem-Terra organizado nacionalmente? Pai da Munha — Não. Nós tamo lutando de outro jeito. Porque nós já fizemo apelo pro governo, já deixamos carta e até agora não temos resposta.

Estado — Tem gente que ajuda vocês? Dezezeis — Tem gente que ajuda nós.

Estado — Tem gente que ajuda vocês? Dezezeis — Tem gente que ajuda nós.

Estado — Tem gente que ajuda vocês? Dezezeis — Tem gente que ajuda nós.



Pai da Munha: "Melhor morrer de bala que morrer de fome"

Representantes do grupo se dizem dispostos a morrer

Invasores temem que o governo use a Polícia Militar para retirá-los da região

Trechos da entrevista com integrantes do grupo, mantida a transcrição literal.

Estado — Vocês estão aqui há quanto tempo? Dezezeis — Há nove meses.

Estado — Como foi essa ocupação? Dezezeis — Aqui veio gente de várias partes, que eu não sei nem gravar.

Estado — Quantas pessoas estão aí dentro? Dezezeis — Ninguém sabe a quantidade certa, porque tem gente que eu nem conheço. A gente fica numa parte e os outros em outra parte.

Estado — Quantas crianças estão dentro da mata? Dezezeis — Nenhuma. Vive tudo na cidade, nos domínios.

Estado — O movimento tem nome? Pai da Munha — É movimento dos sem-terra. Fomos tocados pela inflação. Nós trabalhava na agricultura e no fim inda não podia colher o arroz, por que o fazendeiro tocava a bicharada dentro e comia o arroz da gente todinho.

Estado — Qual é o seu objetivo? Pai da Munha — É terra. Trabalhar e criar minha família.

Estado — Por que vocês escolheram essa área? Pai da Munha — Porque é uma área muito boa de produção.

Estado — A Cosipar afirma que vocês não querem a terra — querem apenas a madeira. Pai da Munha — É mentira, porque a madeira já foi tirada.

Estado — Que riscos vocês correm? Pai da Munha — Do governo liberar a Polícia Militar para vir contra nós. Mesmo assim nós morre e não perde o arrego da terra.

Estado — Qual é a disposição de vocês? Pai da Munha — A terra ou a vida. Da terra nós não abremos.

Estado — Que avanço vocês usam? Pai da Munha — Nós usa espingarda mesmo. Cartucheira.

Estado — Quantas armas vocês têm? Pai da Mata — Só espingarda cartucheira.

Estado — E como vocês fazem para trazer mantimentos? Pai da Munha — Nós escapa mais na carne de capra, aqui mesmo, guariba, macaco, veados. O mantimento que nós traz é quando sai lá fora cada um traz um saco de farinha. O mais é os vizinhos que ajudam a gente.

Estado — Tem gente dizendo que isso aqui é um acampamento de guerrilha. Pai da Munha — Não tá certo.

Estado — E que nome vocês dão? Pai da Munha — Movimento dos sem-terra.

Estado — Mas é o Movimento dos Sem-Terra organizado nacionalmente? Pai da Munha — Não. Nós tamo lutando de outro jeito. Porque nós já fizemo apelo pro governo, já deixamos carta e até agora não temos resposta.

Estado — Tem gente que ajuda vocês? Dezezeis — Tem gente que ajuda nós.

Estado — Tem gente que ajuda vocês? Dezezeis — Tem gente que ajuda nós.

Estado — Tem gente que ajuda vocês? Dezezeis — Tem gente que ajuda nós.

Estado — Tem gente que ajuda vocês? Dezezeis — Tem gente que ajuda nós.

Estado — Tem gente que ajuda vocês? Dezezeis — Tem gente que ajuda nós.

Estado — Tem gente que ajuda vocês? Dezezeis — Tem gente que ajuda nós.

Leia amanhã

Entrevista com o vigário de Rio Maria, padre Ricardo Rezende, que está marcado para morrer